

## RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas).

## 107. VISCONDE DE TAUNAY, O QUASE ESQUECIDO

Ao ser empossado na Academia Brasileira de Literatura, o Dr. Mellilo Moreira de Mello, proferindo seu discurso de praxe, em que tratou de seu patrono, no caso o Visconde de Taunay, teve oportunidade de abordar a vida e a obra do autor de **Inocência** de modo que produziu página altamente significativa para um mais amplo conhecimento de figura que não vem sendo tratada com a devida justiça pelos modernos historiadores da literatura e da cultura brasileira, em geral.

A não ser os casos de **Inocência** e da **Retirada da Laguna**, que continuam sendo reeditados, os demais livros de Taunay, todos esgotados, estão praticamente esquecidos e totalmente ignorados das novas gerações. Seu filho, o eminente historiador Afonso de Taunay, durante cerca de trinta anos, empreendeu a reedição da obra do pai, ou a publicação em volume de numerosos escritos que ficaram esparsos em revistas e jornais, notadamente na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro". Mais de quarenta volumes assim foram publicados, mas destes, quantos o leitor conseguiria encontrar atualmente, mesmo nas melhores bibliotecas? E note-se, ainda, que nas reedições promovidas por Afonso de Taunay muita coisa ficou de fora.

No entanto, se na obra de Taunay há páginas de circunstância, hoje talvez superadas, há, contudo, doutra parte, livros preciosos, indispensáveis mesmo para o conhecimento da vida política do Segundo Reinado. E mesmo questões avançadas para a época, como a imigração, o casamento civil, a grande naturalização, entre outras, mereceriam ser revistas à luz do que escreveu o grande brasileiro. E ainda na literatura militar, de que Taunay foi dos pioneiros no Brasil, algumas de suas descrições geográficas das regiões que percorreu indo para Mato Grosso ou voltando dele, revestem-se de grande valor para o conhecimento de áreas na época praticamente ou mesmo totalmente ignoradas. E as páginas sobre Goiás, Santa Catarina e Paraná, as províncias que presidiu ou que

representou no Parlamento imperial? E o documentário sobre a última fase da Guerra do Paraguai, quando atuou como secretário do Conde d'Eu?

Enfim, iria longe se enumerasse o que de valioso existe na obra do Visconde de Taunay. Dois dos seus livros são particularmente importantes para a história política do Segundo<sup>a</sup> Reinado: **Reminiscências e Homens e Coisas do Império**. Quando se vê a Universidade de Brasília preocupada em reeditar obras de interesse para a história política do Brasil, fico a perguntar se os dois livros de Taunay, hoje inacessíveis ao leitor comum, não fariam boa figura na preciosa coleção "Temas Brasileiros", da editora brasiliense. Aqui fica a sugestão. ( 21-3-1984. )

\*

#### 108. "REVISTA BRASILEIRA"

O nome **Revista Brasileira** é de muita significação em nossa vida cultural, especialmente literária. Fundada em 1857, em substituição à revista **Guanabara**, circulou até 1861, com apenas onze números; era dirigida pelo Conselheiro Cândido Batista de Oliveira e estampou colaborações de Fernandes Pinheiro, Freire Alemão, Joaquim Norberto e Araújo Porto Alegre, entre outros. Ressurgiu em 1879, na forma de quinzenário, circulando até 1881, colaborando em suas páginas a nata da intelectualidade da época, inclusive Sílvio Romero, Araripe Júnior, José Veríssimo e Machado de Assis; ressurgiu mais uma vez no fim do século, sob a direção de José Veríssimo. Mais de trinta anos depois, Batista Pereira utilizou seu título para a publicação que circulou em 1934 e 1935, com nove números, assinalados como "quarta fase" do histórico periódico. Bem mais tarde, ressurgiu numa quinta e sexta fases, esta última sob a responsabilidade da Academia Brasileira de Letras.

Na fase Batista Pereira, a **Revista Brasileira** diferia substancialmente das demais fases tanto anteriores como posteriores, todas de tendência acentuadamente literária; apresentava-se, nesta quarta fase, como "síntese do pensamento contemporâneo", constando de diversas seções: Política Interna, Política Externa, Economia, Arte etc., às quais não faltava excelente colaboração brasileira e estrangeira. Assemelhava-se muito a **Le Mois**, famosa revista francesa daquela época, de tanta penetração no Brasil.

Pretendia Batista Pereira que cada volume de sua **Revista Brasileira** publicasse um livro completo, obviamente um livro de pequenas dimensões. E começou justamente com a reedição de uma obra de sua própria autoria: **O Brasil e o Anti-Semitismo**, publicada originalmente em 1932 pela Editora Guanabara. Trata-se de um libelo, talvez o mais incisivo

de quantos se escreveram no Brasil, sugerido pelas perseguições aos judeus ocorridas com a ascensão do nazismo na Alemanha; porém, inicia-se o livro recordando o famoso **Affaire Dreyfus**, pelo qual tanto se empenhou Rui Barbosa, como é sabido.

Mais dois pequenos livros foram publicados pela “Revista” na fase Batista Pereira: o Memorial do General Bertoldo Klinger, de muito interesse para a história da Revolução Constitucionalista de 1932; e o relato sobre o Brasil, deixado por um jovem diplomata, Henri Allizé, que por aqui andou a passeio, no fim do Império. Seu valioso relato nunca foi publicado na língua original. Só existe na edição que Batista Pereira fez inserir em sua **Revista Brasileira**. Talvez por isto mesmo seja tão pouco conhecido, a ponto de nunca o ter visto citado em qualquer bibliografia estrangeira sobre nosso País. ( 4-4-1984. )

\*

## 109. DIVULGADOR AMÁVEL DE NOSSA HISTÓRIA

O escritor maranhense Viriato Correia, cujo centenário de nascimento transcorreu no início deste ano, pode ser enquadrado, no que se refere à sua produção histórica, na categoria do que os franceses denominam de “vulgarisateur aimable”. De fato, divulgador amável de nossa História ele o foi através de, pelo menos, uma dezena de livros publicados na década de 20 e nos primeiros anos 30: **Terra de Santa Cruz, Histórias de Nossa História, Brasil dos Meus Avós, Baú Velho, Gaveta de Sapateiro**, entre outros. Sem cair no gênero fescenino, tão do agrado, por exemplo, de Assis Cintra ( **As Amantes do Imperador, Os Escândalos de Carlota Joaquina, O Favorito da Imperatriz...** ) Viriato Correia pairou sempre num plano mais alto e provavelmente nenhum dos nossos escritores tenha contribuído mais que ele para a divulgação de nossa crônica histórica, pois seus livros alcançaram enorme divulgação, satisfazendo aos inúmeros leitores que não desejavam nenhum compromisso mais sério com a História.

Nem sempre o escritor foi feliz no título de seus livros. Basta dizer que as páginas históricas mais sérias que escreveu, que seriam certamente subscritas por qualquer historiador do Instituto Histórico, ele as reuniu num volume com o título assaz comprometedor de **Alcovas da História...** O autor maranhense fez alguma história de alcova, não há negar. Mas não no livro que tem precisamente esse título. O porquê da

inadequação? Quem o poderá dizer? Interesse apenas comercial, dado o chamariz do título, já que o livro apareceu numa época em que estavam muito em moda as histórias de alcova, e isto não só no Brasil, mas em toda parte? Pode ser. A verdade é que ninguém irá imaginar que um livro com esse título possa abrigar o mais sério estudo que já se fez sobre o problema de Calabar (justamente em resposta a Assis Cintra, que pouco antes publicara **A Reabilitação Histórica de Calabar**), ou então algumas páginas sobre a cultura maranhense, que o leitor de hoje ainda apreciará.

Mas, convém lembrar que Viriato Correia não escreveu apenas sobre História. Vasta é a sua produção no campo da Literatura Infantil, do Romance e, especialmente do Teatro, pois foi neste setor que seu nome mais se firmou, pelo menos nos seus últimos anos, quando a preocupação pela história anedótica e “amável” já havia sido superada.

A maior parte de sua vida transcorreu no Rio de Janeiro, tendo sido eleito em 1938 para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Ramiz Galvão, cadeira criada por Carlos de Laet. E na antiga capital da República faleceu aos 10 de abril de 1967. (25-4-1984.)

\*